Dia 11 — São Maiolo, Abade de Cluny

São Maiolo, filho de Fouquier, um dos senhores mais ricos e mais poderosos da Provença, nasceu no ano de 906 em Valensole, vila reduzida do bispado de Riez. A exemplar virtude de seus pais proporcionou-lhe uma educação correspondente à sua religião e a seu nascimento. Desde o berço mostrou o menino tanta inclinação a tudo o que era bom, acompanhada de um natural tão dócil e de tão bela disposição para o estudo das letras, que em pouco tempo se fez Maiolo um moço cabal. Tinha uma memória feliz e um entendimento vivo, penetrante e naturalmente culto, acompanhado de uma aplicação pouco comum nos daquela idade, com o que em breve tempo adiantou muito nas ciências; mas mais adiantou na ciência dos santos, por seu cuidado em corresponder às grandes graças com que o Senhor o preveniu desde sua mais terna idade.

Professou desde ela um singular amor à virtude da pureza e, por força dele, evitou cuidadosamente tudo aquilo que podia manchar seu formosíssimo candor. Ignorou os entretenimentos da infância, causando-lhe desgosto os jogos que esta usa; toda a sua diversão era a oração, a leitura e o estudo. O maior presságio de sua futura santidade foi a terna devoção que professava à santíssima Virgem. Nunca se desmentiu sua virtude, a qual tinha grande cuidado de cultivar com a frequência dos sacramentos e com o exercício de rigorosas penitências.

Faltaram-lhe seus pais sendo ainda muito jovem. Antes de morrer o pai havia feito doação à nova abadia de Cluny de mais de vinte formosas possessões; liberalidade muito do gosto do santo filho e que contribuiu muito para aumentar-lhe a estima e o amor que tinha ao estado religioso. Tentavam-no pouco os outros grandes bens de que se via herdeiro; e estava pensando em retirar-se a alguma solidão dentro de suas mesmas possessões, quando o obrigaram a sair delas as incursões que faziam na Provença os sarracenos da Espanha, e refugiou-se em Mâcon, em casa de um parente seu. Deu-se a conhecer muito logo por sua virtude, por sua reputação e por seu nascimento ao bispo da cidade, chamado Bernon. Logo que o prelado o viu e o sondou, persuadiu-se de que um jovem tão prudente, tão virtuoso e de prendas tão relevantes estava sem dúvida destinado por Deus para a Igreja; e, a fim de movê-lo a seguir este estado, ordenou-o das primeiras ordens e deu-lhe uma conezia em sua catedral.

Quando o santo se viu cônego, não creu que o título da prebenda era título de ociosidade; compreendeu todas as obrigações com que carregava e aplicou-se a desempenhá-las. Tendo conseguido licença do cabido para ir concluir seus estudos em Lião, cujas escolas eram então muito celebradas, deixou-se admirar naquela cidade por sua modéstia, pelo regramento de seus costumes e por sua rara sabedoria. Restituído a sua igreja, em pouco tempo foi seu exemplo e sua admiração. Poucas vezes havia visto o clero e o povo tanta edificação em pessoas daquela qualidade e na flor da juventude; o que obrigou o bispo a ir promovendo-o pelos graus e passos

regulares até o diaconado e, apesar de sua humildade, fê-lo arcediago de sua igreja.

Com a nova dignidade sentiu-se aceso num novo zelo por sua própria perfeição e pela salvação das almas. Propôs-se por modelo o santo diácono e protomártir Santo Estêvão; e sem exagero se pode assegurar que imitou todas as suas virtudes. Foi tão ardente sua caridade para com os pobres que não somente lhes repartia com a maior fidelidade as esmolas dos fiéis, como o pedia seu ministério, mas lhes dava a mãos cheias suas próprias rendas. Numa fome que sobreveio, depois de esvaziar seus celeiros, não só vendeu os móveis, mas também muitas de suas terras para socorrer os pobres. Mais de uma vez autorizou o Senhor com milagres suas avultadas esmolas; porque, tendo gasto quanto tinha para atender à pública miséria, achou numa ocasião sobre o mesmo umbral da porta de seu quarto uma bolsinha cheia de peças de prata; e, oferecendo-se-lhe o mesmo escrúpulo que ao santo Tobias, sobre se aquela bolsinha seria de alguém que a tivesse perdido ali, mandou que o publicassem; mas, não havendo aparecido dono, ao ponto repartiu entre os pobres tudo quanto havia nela.

Ainda se estendeu a mais sua caridade; porque, tendo-se-lhe suplicado que explicasse algumas lições de filosofia e de teologia aos clérigos da igreja de Mâcon, fê-lo com tanto aplauso e fruto que, misturando entre as questões mais áridas e insípidas as instruções morais mais vivas e mais eficazes, saíam seus discípulos ainda mais santos que sábios.

A fama de sua virtude deu-o a conhecer em outras províncias longínquas. Morto Guifredo, arcebispo de Besançon, pediu-o por pastor seu esta cidade; mas resistiu com tanta sinceridade e com tanta resolução que perderam a esperança de reduzi-lo. Ainda que saiu vitorioso deste lance, ficou tão sobressaltado do perigo que, para que não se visse em outro semelhante sua humildade, determinou retirar-se a algum claustro religioso.

A célebre abadia de Cluny, tão fecunda em homens santos e sábios, governada então por Aimardo, seu terceiro abade, estava reputada pelo mais santo retiro que se conhecia naquele tempo na Europa. Florescia nela a disciplina monástica com o maior rigor e fazia grande ruído no mundo o espírito de penitência que reinava naquela austeríssima comunidade. Já se tinham notícias de Maiolo no mosteiro e assim foi recebido nele com singular alegria. Como era tão virtuoso, mal teve outra coisa que mudar senão o vestido. O desapego de todos os bens da terra, o espírito de recolhimento, sua terna devoção, sua vida penitente e sua profunda humildade o levaram em pouco tempo ao cume da perfeição, num lugar onde parece que se haviam refugiado e reunido todas as virtudes.

Conhecendo o abade Aimardo as que sobressaíam tanto no novo monge, acompanhadas de seu raro talento natural, não quis que as sepultasse; e, encarregando-lhe o cuidado de ensinar aos jovens estudantes, encarregou-lhe ao mesmo tempo todos os negócios mais importantes de fora, nomeando-o bibliotecário e apocrisiário do convento. Desempenhou nosso santo com a maior integridade e zelo todos estes empregos, sem que as viagens que se lhe ofereceram para tratar com os príncipes em diversas cortes da Europa dissipassem nele aquele seu natural espírito de retiro e de mortificação; tão recolhido, tão humilde e tão austero consigo mesmo em meio da corte como no centro do mosteiro, não perdeu jamais um ponto de seu primitivo fervor.

Achando-se o abade Aimardo muito debilitado e quase cego por causa de sua avançada idade, propôs aos monges que lhe dessem por coadjutor seu nosso santo: consentiu unanimemente o capítulo, sem que outro que Maiolo contradissesse a eleição, com o que se viu obrigado a render-se ao jugo da obediência. Juntaram-se em Cluny todos os bispos vizinhos com muitos abades e, tendo sido solenemente bento, foi declarado abade do mosteiro; mas, ainda que Aimardo o obrigou a que ocupasse seu lugar, nunca se considerou senão como seu vigário e coadjutor. Certo monge, que tinha ofício no mosteiro, faltou não sei em que coisa a Aimardo; e este, com mais ressentimento do que fora justo, mandou juntar o capítulo e, fazendo-se levar a ele, perguntou ao abade Maiolo em presença de todos os religiosos se era súdito ou superior seu. Respondeu o santo com aquela sua genial modéstia e apacível mansidão que sempre se havia considerado e se considerava como o último de todos os monges; que fazia profissão de obedecer-lhe em tudo e que o honraria e veneraria como a pai até a morte. «Pois, se assim é, replicou Aimardo, deixa esse assento do abade e vai sentar-te entre os demais religiosos.» Ao ponto obedeceu nosso santo e Aimardo, declarando-se por único abade do mosteiro, começou a proceder como juiz e presidente do capítulo: acusou o monge que o havia ofendido, deixou-o penitenciado; e, tendo feito o ofício de juiz por espaço de meia hora, deixou o sítio de abade e mandou a nosso santo que voltasse a ocupá-lo; e ele o fez com a mesma indiferença com que o havia deixado. Não sobreviveu o ancião abade a este último ato de jurisdição; e, achando-se já Maiolo só com todo o peso do governo da casa, dedicou-se unicamente a fazer que floresse a disciplina monástica nela, elevando a abadia de Cluny àquele supremo grau de perfeição que a fez tão célebre em todo o universo. Renovou o fervor em todo o mosteiro, tanto com seus exemplos como com suas instruções. Nunca a religião de São Bento havia levado a tão alto ponto a perfeição religiosa, nem talvez viu jamais a vida monástica tanto número de santos juntos, devendo-se em grande parte aos desvelos de São Maiolo.

Acompanhava a fama do abade a fama do mosteiro; e assim foi muito particularmente estimado de todos os papas, imperadores e reis de seu tempo.

Suplicaram-lhe o imperador Oto I e a imperatriz Adelaide que tomasse a seu cargo a reforma dos mosteiros da Alemanha e de alguns outros que estavam nos domínios do império. Aceitou com muito gosto esta comissão, por isso mesmo que tinha bem previsto o muito que havia de padecer nela. Correspondeu o fruto a seus trabalhos e redundou em grande crédito de seu zelo. Introduziu a regra do mosteiro de Cluny, que era como uma espécie de reforma da religião de São Bento, em Ravena, em Pavia, na Suábia e no país dos suíços. Também a França experimentou os efeitos do zelo que o animava; porque renovou a antiga disciplina nas abadias de Marmoutier, na Touraine, Saint-Germain d'Auxerre, Moutier-Saint-Jean, Saint-Bénigne de Dijon, Saint-Maur-des-Fossés, perto de Paris; e também fez receber a reforma de Cluny no célebre mosteiro de Lérins, por ordem do papa Bento VII. Não puderam fazer-se em menos de dez anos tão grandes mudanças sem grandes milagres e, com efeito, fê-los o santo em todas as partes; sendo também uma espécie de milagre o recolhimento interior, a íntima união com Deus e as rigorosas penitências que fazia Maiolo entre o tumulto de tantos cuidados e negócios como ocorriam no governo de tão célebre abadia.

Era uma de suas particulares devoções ir em peregrinação àqueles lugares onde era venerada a santíssima Virgem com alguma especialidade; pelo que muitas vezes visitou o santuário de Nossa Senhora do Velay e o de Loreto, de onde passou a Roma para visitar o sepulcro dos santos

apóstolos, e sempre com o mesmo espírito e com a mesma devoção.

Passando pela cidade de Coira, nos Grisões, restituiu a saúde ao bispo Alberto, molestado muito tempo havia por umas agudíssimas dores que o tinham reduzido a um estado deplorável; e São Pedro Damião refere que, tendo desobedecido a nosso santo um monge do mosteiro de Pavia, mandou-lhe em penitência que beijasse um leproso e, executando-o o monge, ficou o leproso repentinamente são.

Ao voltar de uma destas viagens a Roma, encontrou uma tropa de mouros que corriam os Alpes e tomavam todas as passagens da Itália. Cativaram-no com os religiosos que o acompanhavam, ao pé da serra que se chama o grande São Bernardo, e o conduziram a Pont-Ouvrier, onde o meteram em prisões. Não se pode dizer o muito que o fizeram padecer aqueles bárbaros; mas nem por isso perdeu um ponto de sua devoção nem de sua vida penitente todo o tempo que durou seu cativeiro: e não foi este sem grande fruto, porque com suas exortações converteu muitos infiéis e teve a consolação de administrar-lhes por sua mão o santo batismo. Resgatado do cativeiro por uma grande quantidade de dinheiro, soube que o imperador Oto II trabalhava eficazmente para fazer que o elegessem por papa. Esta notícia sobressaltou sua humildade; a generosa e firme resolução com que recusou esta suprema dignidade edificou maravilhosamente todo o orbe cristão e talvez deu mais honra ao santo abade que lhe daria a própria dignidade.

Conhecendo por seus muitos anos e achaques que se aproximava o fim de seus dias, pôs os olhos em seu discípulo Santo Odilão para sucessor seu; propô-lo à congregação, e ela o aprovou com geral consentimento.

Descarregado já do peso do governo e livre do embaraço dos negócios, só pensava em preparar-se para a morte, redobrando seu fervor, sem deixar-se ver em público, gozando a doce tranquilidade de uma profunda abstração, solidão e retiro, quando Hugo Capeto, rei da França, que o estimava e o venerava muito, lhe suplicou que passasse a Paris para reformar a abadia de São Dionísio. Tanto as instâncias daquele príncipe como os impulsos de seu zelo, que nada havia perdido de seu primitivo vigor com a força dos anos, fizeram-no esquecer sua debilidade e desatender as lágrimas de seus monges, que o dissuadiam daquela viagem. Pôs-se a caminho e, tendo chegado a Souvigny, no Bourbonnais, morreu com a morte dos justos no dia 11 de maio do ano 994, quase aos oitenta e oito de sua idade. Foi enterrado na igreja de São Pedro, e seu sepulcro se fez glorioso pelos milagres que obrou o Senhor por sua intercessão.

Achando-se o papa Urbano II em Souvigny no ano de 1096, foi levantado o santo corpo da terra e se fez sua primeira trasladação com solenidade; e no tempo de Honório IV se fez a segunda. Conservam-se em Souvigny estas preciosas relíquias, juntamente com as de Santo Odilão, seu sucessor.

São Francisco de Jerônimo, Confessor

O Senhor, que, velando incessantemente pela conservação de sua Igreja, tem feito aparecer de quando em quando varões extraordinários que, à imitação dos apóstolos, acreditassem com sua doutrina, sua virtude e seus milagres a divindade da religião católica, enviou-nos nestes últimos séculos São Francisco de Jerônimo, para confundir a incredulidade moderna com sua santidade e seus prodígios. Nasceu este santo a 17 de dezembro [^1] de 1642, em Grottaglie, província de Otranto, reino de Nápoles, de João Leonardo de Jerônimo e de Gentilesca Gravina, honrados e piedosos cidadãos. Desde sua mais terna infância advertiram no menino uma grande inclinação à virtude e, destinando-o já desde então ao serviço do Senhor, enviaram-no a educar-se na piedosa congregação de clérigos que, sob a invocação de São Caetano de Thiene, fundou o arcebispo de Taranto, dom Tomás Caracciolo, e era conhecida em Grottaglie pelo nome de Comunidade. Assinalou-se nela nosso santo tanto na piedade para com Deus, levantando-se a orar de noite, mas ocultando este piedoso exercício com achar-se no leito ao toque do sino, como na caridade para com os pobres, a quem dava todo o dinheiro que recebia para suas diversões. Não contente com isto, quando ia à casa de seus pais não cessava de pedir esmolas para aqueles e, como uma vez o repreendesse sua mãe, temendo que faltasse a provisão necessária à família, respondeu-lhe: «Não temais, mãe, porque não falta em casa nem dinheiro nem pão.» Levada de curiosidade, a mãe foi visitar a despensa e a achou tão provida como se nada tivesse dado.

Com tão piedosos costumes e o cuidado que punham em sua instrução os sacerdotes da Comunidade, achou-se em estado de receber a primeira tonsura em dezembro de 1658. Para fazer-se um eclesiástico mais instruído, passou a Taranto a estudar a filosofia no colégio dos jesuítas, onde foi ordenado de diácono. Dali, por conselho dos jesuítas, passou a Nápoles, onde estudou a teologia e o direito civil e canônico; e a 18 de março de 1666, com a dispensa de idade que pediu a Roma, foi ordenado sacerdote em Pozzuoli. Para ter menos distração no estudo, solicitou e obteve o lugar de prefeito de uma sala do colégio dos nobres, dirigido pela Companhia; em cujo emprego se fez admirar por seu zelo e exatidão na observância do regulamento e por sua paciência em sofrer as impertinências e travessuras dos meninos.

Enquanto se ocupava nisto e ao mesmo tempo se aplicava ao estudo para exercer utilmente o sacerdócio em seu país, mudando não se sabe como de pensamento, pediu ser admitido na Companhia. Achou grandes dificuldades, tanto da parte dos jesuítas, que duvidavam em admiti-lo por sua débil compleição, como da parte de seus pais, que desejavam tê-lo em casa para bem da família e da pátria; mas, vencidos todos estes obstáculos, entrou no noviciado no primeiro de julho de 1670 e, ao recebê-lo, disse o padre Mari, reitor: «Hoje ganhou a Companhia um santo sacerdote.» Para fundar sua perfeição no alicerce da humildade e da obediência, proibiu-lhe celebrar missa mais de três vezes por semana; e o obedientíssimo noviço nos dias vedados assistia a ela com os demais, ainda que lhe aparecia Jesus Cristo em meio de dois anjos, de quem recebia seu santíssimo corpo. Passado o primeiro ano de noviço, destinou-o o superior à missão da província de Otranto, em companhia do padre Agnello Bruno, missionário experimentado; aos três

anos foi chamado a Nápoles para completar seu estudo de teologia; depois do que o destinaram à casa professa para presidir à comunhão geral que se faz ali no terceiro domingo de cada mês.

Por este tempo dispôs o arcebispo de Nápoles Lancer na cidade uma missão extraordinária e quis que cada dia pregasse na catedral um pregador distinto de cada ordem religiosa. No dia que tocou aos jesuítas, pregou o padre Andrea Sambiasi; mas, não sendo capaz aquela vasta igreja para o inumerável concurso do povo, para os que ficaram fora pregou na praça o irmão Francisco; e o fez com tanto fervor e zelo que não se pôde discernir qual dos dois pregadores havia movido mais a seu auditório. Havia pedido São Francisco ao padre Geral que o destinasse às missões da Índia; mas com este sucesso se conheceu que o campo destinado por Deus a nosso santo para promover sua maior glória era o reino de Nápoles. Dedicando-se desde então a seguir a vontade de Deus, manifestada pela de seus superiores, não pôs limites a seu zelo: além da missão de Nápoles e da província do reino a que foi destinado, estendeu suas fadigas a pregar nos cárceres, nas galés, nos hospitais, congregações e mosteiros de monjas; e até sua última enfermidade não cessou de trabalhar pela honra e glória de Deus. Nem de dia nem de noite se escusava de acudir a quantos o chamavam, ou para confessá-los ou para consolá-los em suas aflições e enfermidades.

O exercício de seu ministério ofereceu-lhe matéria abundante para exercitar a paciência e a mansidão cristã, sendo umas vezes burlado e escarnecido, outras maltratado e outras não querendo-se ouvi-lo, e até negando-se-lhe em alguma parte uma campainha e um crucifixo para poder pregar. Mas não era pequeno o proveito que de tudo tirava o santo, já pelo acrescentamento de seus méritos, já pelas assinaladas conversões de muitas almas; e algumas vezes voltou o Senhor pela honra de seu servo de uma maneira ostensiva. Uma mulher má, chamada Catarina, havia tomado por costume escarnecer nosso santo quando pregava na praça pública, imitando sua voz e arremedando suas ações. Morreu de repente e, tendo ido o santo a pregar aquele mesmo dia, como não ouvisse as acostumadas insolências, perguntou por ela; referiram-lhe a desgraça, aproximou-se a ver o cadáver e, animado do espírito de Deus, perguntou-lhe: «Catarina, onde estás agora?» E, não havendo respondido a primeira nem a segunda vez, à terceira respondeu com uma voz espantosa: «Estou no inferno.»

Foram singulares as graças que o Senhor concedeu a Francisco para atrair a si muitas almas, já com a eficácia de seus sermões, já com piedosas indústrias, já com uma luz especial que infundiu em sua mente para conhecer as coisas ocultas, como o acredita o seguinte sucesso. Pregava uma vez na praça de Castelo Novo, e achava-se no auditório uma mulher que, com traje de homem, fazia vida de soldado na milícia espanhola. Acabado o sermão, chamou-a à parte o santo e perguntou-lhe se queria confessar-se. «Não, respondeu ela, porque não estou em pecado nem a consciência me remorde de delito algum.» Mas o santo lhe disse: «Não estás em pecado? Pois por que razão mentes o hábito, o sexo e o nome? Não és tu, não, Carlos Pimentel, mas Maria Casier, que com uma irmã mataste teu pai enquanto dormia no campo e escondestes seu cadáver entre umas sarças. Dize-me agora, se te parece, que não te remorde nenhum pecado.» Admirou-se a mulher de ver descoberta uma coisa tão secreta, mas, sem arrepender-se por isto, quis sair do passo dizendo fingidamente que já veria de confessar-se com ele. Esperou o santo alguns dias, mas, vendo que não acudia, foi exigir-lhe o cumprimento de sua palavra; e ela se escusou com que, devendo embarcar-se sua companhia para a Toscana, lhe era impossível obedecer-lhe. «Não partirá de Nápoles, disse o santo: dá-me nova palavra de que virás amanhã ao Novo Jesus para

confessar-te. Tem ânimo, porque espero que o Senhor cumprirá o desejo que tenho de tua salvação.» Com efeito, a ordem da marcha foi revogada e, vindo Maria Casier à igreja, confessou-se com nosso santo, expondo antes de tudo com muitas lágrimas o parricídio cometido. Passou todo o dia na igreja e, ao anoitecer, depôs na capela dos Mártires o uniforme de soldado e com seu verdadeiro nome tomou o vestido de mulher. Retirou-se por quatro meses à casa da marquesa de Santo Estêvão, passados os quais foi viver numa casinha, onde se sustentou com o soldo de inválido que lhe alcançou nosso santo, com quem continuou confessando-se e pôde depois de morto dar testemunho destas e de outras maravilhas.

Com semelhantes sucessos cresceu a fama de nosso santo em todo o reino de Nápoles, e de todas as partes vinham buscá-lo. Fez diferentes excursões no Abruzzo, na Terra de Lavoro, na Púlia e terra de Otranto, ganhando em todas as partes muitas almas a Deus e desarraigando inveterados abusos de desonestidade, vinganças, contratos usurários e jogos ilícitos. Costumava servir-se em suas missões de algum espetáculo devoto para excitar o povo à compunção, como era tirar em procissão a imagem da Virgem das Dores ou de algum outro santo; e sua caridade engenhosa lhe inspirava outros meios, segundo as circunstâncias, para mover os pecadores mais endurecidos. Foi muito ruidosa, e seguida de muito fruto, a reconciliação que fez em Cesa de dois poderosos inimigos. Tinham estes o povo dividido em bandos, e temia-se que, concorrendo à igreja com motivo da missão, não armassem querela e viessem às mãos dentro do mesmo templo. Com efeito, os dois chefes de partido haviam acudido armados a ouvir o sermão. Que faz o santo? Principia a falar com muita eficácia das penas do inferno e, quando crê comovido o auditório, dispõe que alguns sacerdotes, com cinza na cabeça, saiam acompanhando a imagem de São Cesário, patrono daquele povo. A este espetáculo, compungido um dos chefes inimigos, pede permissão para subir ao púlpito e declara que está muito agravado, mas que por amor de Jesus Cristo perdoa a seu ofensor e promete ter a este em lugar do irmão que lhe havia matado. Baixando logo do púlpito, reconciliaram-se ambos os inimigos à vista de todo o povo, e a missão foi frutuosíssima, como havia predito o santo.

Não foram menos maravilhosos os sucessos que acompanharam suas missões fora de Nápoles. Em Nola, no último dia de missão, pregando na praça que há diante do colégio da Companhia, interrompendo o discurso, prorrompeu nestas palavras: «Agora, neste ponto, enquanto eu estou bendizendo a Jesus Cristo, numa indigna casa não longe daqui se está ofendendo a Nosso Senhor.» Depois continuou seu sermão; e poucos dias depois morreu impenitente, recusando receber os sacramentos, aquele de quem se presume que havia falado o santo. No povo de Cardito, uma mulher piedosa, Madalena de Fusco, que hospedava em sua casa o santo, ao passar perto da igreja caiu-lhe um cimbalozinho na cabeça, ficando aturdida do golpe, sem voz e sem ouvido. Mandou-a chamar o santo e disse-lhe sorrindo que fosse à igreja e, pedindo ao sacristão a imagem de São Francisco Xavier, lhe dissesse: «O padre Francisco vos dá as boas-tardes e vos pede que me cureis logo.» Fê-lo Madalena e voltou sã a sua casa.

Não é fácil referir todos os milagres que obrou o Senhor por meio de seu servo; mais fácil é compreender o fruto que se seguiria a uns sermões acompanhados de tantas maravilhas. Mas não devemos passar em silêncio o que obrou com seu próprio pai, na missão que fez em Grottaglie. Achou-o prostrado numa cama, atormentado de uma febre com delírio, complicada com outras enfermidades, não sendo a menor a idade de oitenta e oito anos; mas o santo, depois dos

primeiros cumprimentos, disse-lhe com respeito: «Amanhã, pai meu, vos espero nos exercícios espirituais.» Com efeito, contra a esperança de todos, o enfermo se recobrou de tal forma que pôde no dia seguinte e consecutivos assistir a todas as funções da missão; acabada a qual, dois anos depois, morreu em paz aos noventa de sua idade.

Teve também São Francisco o dom de profecia. Entre as muitas predições que fez, não é para calar-se a do terremoto que arruinou Sulmona. Pregando nesta cidade, à porta da igreja da Anunciação por causa do grande concurso, pôs-se a olhar o monte Morrone, vizinho àquela cidade; e logo, voltando-se para a igreja, exclamou: «Ó veneradas imagens dos santos, sagrados muros desta santa igreja, por que delito vai cair sobre vós a ira de Deus? Eu sou o último que pregarei neste púlpito.» Nenhum dos ouvintes suspeitou então que anunciasse algum mal, crendo que estas expressões eram um arrebatamento de seu zelo; mas os desenganou a experiência, porque, afundando-se com um horrível terremoto as casas, a igreja e seu púlpito, refletiram que estavam avisados a tempo, ainda que só se lembraram quando era inútil repará-lo com o pranto.

Estas graças singulares, que os teólogos chamam *gratis datas*, nem sempre são uma prova de santidade; mas o foram em nosso santo, por haver praticado todas as virtudes num grau eminente. A excelência de sua fé nota-se em que, não havendo alcançado licença de seus superiores para propagá-la entre os bárbaros da Índia, não perdeu ocasião de instruir na doutrina cristã as pessoas rudes, onde quer que as achasse; e, quando não podia por si mesmo, exortava a que o fizessem os demais pregadores. Não recusava conversar com os turcos que iam a Nápoles, se por casualidade com seus bons modos podia atraí-los a falar da fé; mas entre cristãos não podia tolerar que se falasse menos catolicamente e no confessionário era inflexível com os que liam livros proibidos. A esperança dos bens celestiais era nele tão viva que sempre com a mira neles se estimulava a trabalhar incessantemente para merecê-los; e nesta esperança, nascida toda de sua grande confiança em Deus, fundava-se aquela generosidade e fortaleza de ânimo para empreender as coisas mais difíceis. Mas a alma de todas estas virtudes era sua ardentíssima caridade para com Deus. Com Deus e de Deus queria falar sempre; e, se alguma vez versava a conversação sobre outras matérias, tinha a destreza de fazê-la voltar logo às coisas de Deus. Nele pensava de dia, exercendo as funções de seu ministério; com ele conversava de noite, passando as horas e até as noites inteiras em oração; e este santo exercício lhe servia de escola onde recebia os mais úteis documentos para bem das almas.

Ao amor de Deus correspondia o do próximo. Teria querido sacrificar sua vida por seus irmãos; e esta caridade não se limitava aos bens espirituais da alma, estendia-se a socorrer as necessidades temporais do corpo. Mendigava para fazer esmola; dava parte de sua comida aos pobres, com licença do padre Prepósito; introduzia-se com os ricos para tirar-lhes esmolas e não poucas vezes teve que sofrer o mau humor destes e até muitas grosserias da parte dos pobres. Mas o santo o tolerava tudo, porque era caritativo e, além disso, humildíssimo. A humildade se pode dizer que era sua virtude predileta. O chamar-se plebeu, vilão, ignorante e o firmar-se em suas cartas com o título de pecador não era nele uma pura cerimônia; era a expressão de sua convicção. Dizia que a Companhia lhe fez mercê em recebê-lo, porque não havia homem mais nulo que ele nem de menos letras e que merecia ser lançado de casa. Se numa missão não tirava muito fruto, lançava a culpa à sua ignorância; se era muito frutuosa, atribuía-o tudo a Deus; se fazia milagres, cobria-os com a intercessão de um São Ciro, São Cesário e São Francisco Xavier, de quem era muito devoto.

Deste último dizia que implorava seu patrocínio porque era bravo e animoso soldado da milícia de Deus.

Deste baixo conceito que tinha de si mesmo nascia o rigor com que tratava seu corpo. Dormia pouquíssimo, e isto sobre um estrado ou uma cadeira, e às sextas-feiras no duro chão. Sua abstinência era grande, ainda que tardou em notar-se, porque com muita destreza ocultava no refeitório a ração que lhe davam; até o pouco que comia carregava-o de sal, para torná-lo desagradável. Não o detinha o mau tempo para sair a suas excursões e negócios espirituais e sempre ia a pé. Recolheu-se uma vez sob o pórtico de um palácio até que passasse uma forte granizada; e, oferecendo-lhe um senhor seu coche, respondeu: «Depois de tantos anos que sirvo de criado, quer Vossa Mercê que por tão leve causa faça o cavalheiro?» Tomava três disciplinas ao dia; vestiu por mais de um ano um saco de crina, na raiz das carnes, que deixou por obediência. Seu quarto depois de sua morte parecia um arsenal de penitência, segundo eram as correntes, os açoites, as pontas, os ralos e cilícios que se acharam nele.

Com este teor de vida inocente, mortificada e laboriosa, chegou São Francisco aos setenta e quatro anos de idade, quando uma pulmonia que o atacou estando fazendo os exercícios no seminário dos nobres fez conhecer que sua morte não estava longínqua. Muito antes a havia previsto o santo, como se prova por algumas de suas cartas e conversações. Tolerou com admirável sofrimento as agudas dores de tão penosa enfermidade, consolando-se com a leitura do tratado *De felicitate sanctorum* composto pelo cardeal Belarmino; recebeu o santo viático no dia três de maio de 1716 e não quis recebê-lo na cama, mas vestido e de joelhos; deu graças à Companhia por havê-lo tolerado em seu seio; foi de novo fortalecido com o pão dos fortes nos dias sete e nove do mesmo mês e recebeu a extrema-unção; por último, na manhã do dia onze, pouco antes do meio-dia, entregou sua alma nas mãos de seu criador e passou a receber o prêmio de seus trabalhos empreendidos por sua glória.

À primeira notícia de sua morte, todo Nápoles se despovoou para ir à igreja da Companhia; celebraram-se suas exéquias mais como festa que como funerais; esteve exposto seu corpo à veneração do povo dois dias e, na noite do último, metido numa caixa de chumbo, foi posto na sepultura comum; mas ao cabo de dois meses, com licença de Roma, foi trasladado à capela de Santo Inácio, aonde ainda concorre o povo a venerá-lo. Os muitos milagres que tem feito depois de sua morte com os que invocam seu patrocínio estenderam sua devoção por todas as partes. Em Havana, o colégio dos jesuítas pediu ao provincial de Nápoles relíquias de São Francisco, desejando servir-se delas para o bem espiritual e temporal daqueles povos. Na Espanha, em 1746, o deão de Plasencia, dom Bernardo Egídio, o qual fazia oito meses que estava prostrado em cama, reconhece haver devido ao santo sua inteira cura.

Estas e outras maravilhas que tem obrado o Senhor por intercessão de seu servo moveram a Sé Apostólica a abrir o processo de sua beatificação; e, justificadas competentemente tanto a heroicidade de suas virtudes como a grandeza de seus milagres, o papa Pio VII, de feliz memória, declarou-o beato; e Gregório XVI, que felizmente reina, colocou-o no catálogo dos santos no dia da Santíssima Trindade do ano de 1839.

São Mamerto, Bispo

Entre os bispos célebres em virtude e doutrina que floresceram no século quinto de nossa era cristã, conta-se São Mamerto, eminente prelado da igreja de Viena, digno de eterna memória pela instituição louvável do tempo, método e forma das rogações que precedem a festividade da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda que não nos constam os feitos de sua vida antes de haver ascendido à cadeira episcopal de Viena, colocado já nesta sublime dignidade foi o objeto do amor e veneração do povo por sua eminente virtude e pelo apostólico zelo com que se esmerava em dirigir seu rebanho santamente; pois, não satisfeito com velar como pastor vigilante sobre ele de contínuo e com instruí-lo por si mesmo, valia-se para que o ajudassem dos ministros da maior sabedoria e virtude, especialmente de seu irmão Claudiano, presbítero da mesma igreja, homem de uma vida exemplaríssima e de uma vasta erudição.

Durante seu bispado teve nosso santo muitas aflições, que lhe foram muito sensíveis pela ternura com que levava em seu coração a todos os que submeteu a seu cuidado a divina Providência.

Estas aflições eram causadas por diversos gêneros de desgraças que sucederam em seu tempo, as quais puseram o país numa triste desolação. Os contínuos terremotos, os frequentes incêndios, as diárias ruínas e os formidáveis estrondos fizeram que as feras, cheias de temor e espanto, deixando as concavidades dos montes e desertos, se refugiassem nas povoações. Cada dia se viam novos sinais da ira de Deus que descarregava sobre os habitantes daquela terra, iam em aumento os ditos espantosos espetáculos e não se falava de outra coisa que dos desastres públicos.

Consternados os fiéis à vista destes açoites merecidos por suas culpas, esperavam com impaciência a festividade da Páscoa de Ressurreição, confiados em que, pelos gozosos mistérios que nela se representam e pelas salutares disposições com que se preparam os cristãos na quaresma para receber a comunhão pascal, o Senhor poria termo a tão formidáveis castigos. Animados com esta esperança, concorreram todos contritos na vigília da gloriosa noite a celebrar na igreja o mistério; mas, tendo-se incendiado, enquanto estavam nela, as casas consistoriais, abandonaram o templo e fugiram com precipitação aos campos, dirigindo seus tristes clamores ao céu.

Só o santo bispo ficou na igreja, prostrado ante o altar, implorando com profundos gemidos e pranto a divina misericórdia; e foi tal a eficácia de suas fervorosas orações que com a água de suas lágrimas aplacou a voracidade do fogo. O gozo que causou esta maravilha no espírito de seu povo fez que se reunisse para continuar os ofícios divinos; mas, depois que Mamerto concluiu os mistérios e tributou a Deus humildes graças por um favor tão visível, aproveitando-se da contrição que manifestava o povo, deu-lhe a entender que a penitência e a oração eram os verdadeiros e eficazes remédios das desgraças de que se queixavam. Sob este suposto, ordenou que se fizessem certas rogações públicas, acompanhadas de jejuns e preces, e, consultando o tempo e modo de seu estabelecimento, pareceu-lhe conveniente que fossem nos três dias que precedem a festividade da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assistiu a elas toda a cidade com um semblante humilde e penitente, deixando-se ver todos os seus habitantes possuídos de uma

grande compunção de coração e misturando as preces com lágrimas e gemidos, com o que cessaram as calamidades públicas. Divulgada a fama desta louvável instituição e dos admiráveis efeitos que produziu, foi abraçada nas províncias vizinhas e comunicou-se muito logo a quase toda a igreja do Ocidente, onde se tem continuado sem interrupção até nossos dias; de maneira que, ainda que semelhantes preces precederam a idade de São Mamerto em tempos indefinidos, quanto à determinação deste método e forma de sua execução, reconhecem por primeiro autor este insigne prelado seu filho espiritual Santo Avito, bispo de Viena, Sidônio Apolinário, Gregório de Tours e outros escritores.

Também se deveu a seu religioso zelo a invenção das relíquias de São Juliano e São Ferréolo, ilustres mártires de Jesus Cristo, que padeceram no tempo da sangrenta perseguição dos imperadores Diocleciano e Maximiano; as quais trasladou a uma magnífica igreja que edificou, a fim de que nela lhes tributassem os fiéis a veneração e obséquio correspondentes.

Finalmente, depois de haver governado alguns anos seu povo como um zeloso pastor, passou a desfrutar os prêmios eternos no fim do século quinto.

Seu corpo foi sepultado primeiramente na igreja dos santos Apóstolos, extramuros da cidade de Viena, de onde se trasladaram depois suas relíquias à basílica constantiniana de Santa Cruz de Orléans. Ali se conservaram com grande veneração até o século XVI, em que os huguenotes, durante suas sacrílegas irrupções do ano 1562, entrando em Orléans, queimaram a cabeça e ossos do santo, que estavam em diferentes caixas, e espalharam suas cinzas.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Salária, a festa de Santo Antimo, presbítero, esclarecido por suas virtudes e por sua pregação, o qual, tendo sido precipitado no Tibre durante a perseguição de Diocleciano, um anjo o tirou e o restituiu a seu oratório; depois, tendo sido decapitado, entrou vitorioso no céu.

No mesmo dia, São Evélio, mártir, um dos oficiais de Nero; movido do martírio de São Torpete, creu em Jesus Cristo e foi decapitado.

Além disso, em Roma, na via Salária, os santos Máximo, Baso e Fábio, martirizados no tempo do imperador Diocleciano.

Em Camerino, os santos mártires Anastásio e seus companheiros, a quem fez morrer o presidente Antíoco na perseguição de Décio.

Em Osimo, na marca de Ancona, os santos Sisínio, diácono, Hiócles e Florêncio, discípulos de Santo Antimo, que foram apedrejados no tempo de Diocleciano e assim consumaram seu martírio.

Em Varennes, São Gangulfo, mártir.

Em Viena, São Mamerto, bispo, que por causa de uma grande calamidade instituiu naquela cidade as Ladainhas solenes nos três dias que precedem a Ascensão de Nosso Senhor, cujo rito recebeu e aprovou depois a Igreja universal.

Em Souvigny, o trânsito de São Maiolo, abade de Cluny, cuja vida foi ilustre pela santidade de suas obras. Em San Severino, na marca de Ancona, São Iluminato, confessor.

Missa (oração)

A missa em honra do santo é do comum dos abades, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Majoli abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamos-vos, Senhor, que nos recomende a intercessão do bem-aventurado Maiolo, abade, para que consigamos por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** 1 Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. 2 Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. 3 Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. 4 In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. 5 Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. 6 Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: 1 Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. 2 Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle

com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Antíoco Epifânio, o maior perseguidor que tiveram os judeus depois que voltaram do cativeiro, subiu ao trono da Síria no ano de 3828; e neste tempo é provável que Jesus, filho de Sirac, compôs sua obra, no princípio da perseguição contra o grande sacerdote Onias. Prevê o autor a ruína de sua pátria e a desolação das coisas santas, tendo-se retirado ao Egito, onde se crê que escreveu este livro.»

Reflexões

Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ, et disciplinæ. Deu-lhe publicamente os preceitos e a lei, para que regulasse por eles sua vida e seus costumes. Falarão estas palavras somente com Moisés e com os santos? Deu o Senhor só a estes sua lei e seus preceitos para que regulassem sua vida e seus costumes? E, se esta ordem fala com todos os cristãos, que deveremos pensar à vista de uma vida tão desregrada, de uns costumes tão corrompidos na maior parte dos fiéis?

A lei de Jesus Cristo, aquela lei tão santa, tão pura, tão perfeita, deve ser a única regra de nossas operações. Qualquer outro sistema é abusivo; não temos nem devemos ter outros princípios de moral; todo caminho que não seja este extravia. Ó bom Deus, a quantos desesperará esta verdade no fim da vida! São regra dos costumes dos grandes do mundo as máximas do Evangelho e a lei de Jesus Cristo? É o Evangelho a regra de seus desejos, de seus projetos, de sua ambição, de sua profanidade, de sua conduta?

O Evangelho é o que deve regular todas as condições, todos os estados, todas as idades; não se nos há de julgar por outras leis; não se hão de consultar outras máximas para formar-nos o processo; não se hão de seguir outras doutrinas. Certamente que se transtorna o juízo e a razão quando se considera que essas gentes que só se apascentam com vãs quimeras de fortuna, com frívolas ideias de grandeza; que deixam às almas simples, e aos que chamam eles povo e vulgo, o cuidado de cumprir as obrigações de cristão; gente que não tem mais ocupação que a ociosidade e que aparentemente só se envergonha do Evangelho; que estas gentes, volto a dizer, creiam sinceramente as verdades mais terríveis da religião e tudo o que deixou dito Jesus Cristo da indispensável obrigação de viver segundo suas máximas.

Crê-se que o Evangelho é a única regra dos costumes, que qualquer outro sistema é falso, que é vão qualquer outro raciocínio, que não é possível achar outro caminho para o céu nem outra regra nas sendas da salvação: e crê-se tudo isto por aquele jovem dissoluto que faz vaidade de não ter religião; por aquela mulher mundana que não toma gosto em outra coisa senão nas diversões e nas galas; por aquele avarento cujo coração está todo em seus tesouros; por aquele homem de negócios que não reconhece outra regra para sua conduta que sua ambição; por aquela pessoa entregue inteiramente à sensualidade; por aquele presumido de espírito forte que zomba das mais piedosas devoções, das máximas mais santas do Evangelho. Sim, por certo, todos estes creem que o Evangelho é a única regra da vida e dos costumes. Quem quererá sair por fiador de sua fé? E queremos nós experimentar a sorte de uma conduta tão pouco cristã? Que monstruosa contradição é a que se palpa entre o que se crê e o que se obra! Todos se amam tanto que nenhum quer condenar-se; mas vivem todos tão cristãmente que possam esperar não ser condenados? É um assombro que entre os cristãos se achem alguns que se esforcem em não crer aquilo mesmo que temem; mas ainda é maior assombro que se encontrem no cristianismo muitos que não temem aquilo mesmo que creem. Que é pior: não crer quase nada do que se deve crer ou não fazer quase nada daquilo que verdadeiramente se crê?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 5.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da indispensável necessidade que há em todos de ter cada ano alguns dias de retiro

Primeiro ponto

Considera que nem todos podem abandonar para sempre seus negócios e sua casa para ocupar-se na solidão do importante negócio da salvação: este privilégio é para algumas almas favorecidas. Semelhante vocação é uma graça muito singular; mas poucas pessoas há que não possam conceder ao retiro alguns dias do ano: nenhuma absolutamente que não deva furtar por algum tempo o corpo ao cuidado dos negócios temporais para pensar unicamente no importantíssimo negócio de sua eterna salvação.

Umas festas, uma boda, a estação do verão suspendem talvez por muitos meses os negócios do maior interesse; e para o negócio de minha salvação não poderei achar três ou quatro dias livres? Ainda que se veja um nos primeiros empregos da milícia ou da toga, ainda que carregue sobre seus ombros todo o governo do Estado, sempre acha ao cabo do ano alguns dias desocupados, algum tempo para a respiração e o descanso: e será possível que só não se encontre para dedicá-lo ao importante negócio da salvação? Pois assim é que para trabalhar eficazmente neste importantíssimo negócio não há coisa mais necessária que o retiro.

Queres converter-te? Queres tranquilizar e sossegar tua consciência? Queres sair desse funesto estado da tibieza ou da culpa? Queres romper esses laços, domar esse gênio, vencer essa paixão, reformar esses costumes, mudar essa má vida? Pois afasta-te por alguns dias do tumulto do mundo; retira-te a alguma casa destinada para este fim, onde, separado do comércio dos homens e desembaraçado de todo negócio temporal e de todo cuidado doméstico, examines a sós com teu Deus se te achas em estado de comparecer ante o tribunal do Juiz supremo, se teus costumes, se tuas máximas, se tua conduta passada te dão penhores de tua felicidade eterna. Sem este meio, como se podem arranjar com segurança os negócios da consciência? Quantas vezes julgaste, e disseste tu mesmo, que não é possível trabalhar eficazmente no negócio da salvação em meio dos embaraços e tumulto da vida? Tua própria experiência te convence da necessidade de alguns dias de retiro. É preciso que seja um muito inimigo de si mesmo e que esteja muito resignado em sua eterna perdição quando pensa e quando diz que não tem tempo para isto.

Achar-se-á este tempo na hora da morte e se encontrará por toda uma desditosa eternidade. Então sim, estará num eterno, mas espantoso retiro; e então sim, que a seu pesar meditará muito devagar o infeliz condenado estas terríveis verdades que não quis meditar durante a vida; então se repassarão os anos com uma cruel amargura, mas já tudo sem fruto. Que loucura, que malignidade, que furor, não haver prevenido esta desdita por meio de um salutar retiro!

Segundo ponto

Considera que a conversão é uma obra difícil: é preciso desenganar-se de muitos erros e preocupações que havia adotado o amor-próprio; é preciso condenar muitas máximas que havia autorizado um inveterado costume; é preciso sufocar desejos, reprovar ideias, deixar usos, opor-se a inclinações, afogar paixões, enfim renovar todo um coração corrompido pelo vício. Tudo isto não é possível fazê-lo sem longas e sérias reflexões; sem aprofundar as verdades terríveis da fé; sem desentranhar os mistérios da religião. E isto, como se poderá praticar entre o ruído do mundo, entre os estorvos de um estado ou de um emprego rodeado de estrondo e de tumulto, entre a escravidão de uma vida inimiga do repouso? Logo é indispensável o retiro.

Poucas pessoas se acharão que não tenham necessidade de renovar uma multidão de confissões mal feitas. Nem sempre são as melhores as primeiras e as mais antigas; se não se faltou à integridade, faltou-se à dor. O pouco fruto dá bastantemente a entender que há na árvore algum defeito essencial. Que loucura, que desdita, aguardar para reparar estes defeitos aquele tempo em que não se pode fazer! É mister sossego, quietude, espaço e outros auxílios que não se podem conseguir sem o retiro.

Façamos conceito da necessidade deste meio pelo fruto que se tira dele e pela mesma repugnância que se sente em praticá-lo. Mal parece possível (ao menos é coisa muito extraordinária) retirar-se a uns exercícios e não tirar fruto deles. Será muito raro o pecador que os faça bem e não se converta. Descobrem-se neles as verdades de nossa religião com tanta claridade que não podem deixar de fazer força; e é tão abundante a graça que neles se comunica que não pode deixar de converter. Ou se fazem mal os exercícios ou infalivelmente se segue a eles a emenda dos costumes. Desde que se introduziram os exercícios no mundo, começaram a contar-se mais frequentes as portentosas conversões; e esta é a verdadeira causa por que se sente tanta repugnância e se oferecem tantos obstáculos para entrar neles.

Como o tentador é tão inimigo de nossa salvação, dilata nossa conversão tudo o que pode e por isso não há meio que não pratique para desviar-nos dos exercícios. Não atribuas a teus negócios, nem a teu estado, nem a tua pouca saúde, nem a outros acidentes imprevistos a resistência que tens feito até aqui a este poderoso meio. Se os exercícios fossem uma diversão, ainda que arriscasses nela tua saúde, nenhum desses estorvos te a impediria; mas o demônio se interessa muito em abultar as dificuldades e em forjar outras novas para desviar as almas de um retiro tão contrário a sua malícia e a seus depravados intentos.

Demasiado tenho experimentado eu, Deus meu, este fatal artifício do inimigo de minha salvação: conheço bem que, apartando-me dos exercícios espirituais, me apartei de minha conversão. Tende, Senhor, piedade de meus extravios e de minha miséria. Compreendo e confesso que tenho necessidade de retirar-me por alguns dias; não permitais que malogre esta graça e dai-me tempo para que faça eficaz esta resolução.

Jaculatórias

> *Deduc me in semitam mandatorum tuorum, quia ipsam volui.* Sl 118.

Conduzi-me, Senhor, ao caminho de vossos mandamentos, porque não quero outro.

> *Melior est dies una in atriis tuis super millia.* Sl 83.

Um só dia de retiro em vossa santa casa vale mais que mil entre o estrondo do mundo.

Propósitos

1. Seja um da condição que quiser e tenha o emprego que tiver, não é crível que ao cabo do ano lhe faltem três ou quatro dias para retirar-se. Sempre se encontram os que se querem para uma diversão, para uma viagem; não são mister mais, e muitas vezes nem tantos, para uns exercícios; o único que falta para fazê-los é um pouco de boa vontade. Mas, enfim, concedamos a certa classe de gentes que suas ocupações, seus negócios, seu estado e seus empregos não lhes deixam lugar para três dias de exercícios; que escusa racional se poderá alegar para não retirar-se ao menos um dia cada mês? Toma desde logo esta resolução e põe-na em prática desde o domingo que vem. Este exercício a respeito dos seculares não lhes transtorna as horas, como as pode transtornar a respeito dos religiosos; sem faltar a tuas obrigações podes facilmente ter um dia de retiro. Não há coisa mais útil, mais fácil nem mais necessária; impõe-te uma lei indispensável de praticá-la; a experiência te ensinará que não é possível ter cada mês um dia de retiro e não fazer-se santo em pouco tempo.

2. Determina desde logo o dia que destinas para isto, escolhendo aquele que te pareça será o mais desocupado; e na véspera previne-te, desembaraçando-te de tudo o que possa distrair-te no mesmo dia. Prepara-te na noite antes com uma curta meditação sobre a parábola da figueira que o pai de família está resolvido a arrancar porque não leva mais que folhas e só dilata o arrancá-la até ver se com um novo cultivo produzirá finalmente algum fruto. Aplica a ti mesmo esta parábola e, madrugando no dia seguinte sem ter preguiça, depois de haver adorado o Senhor e pedido-lhe sua graça para passar santamente aquele dia tão importante para tua salvação, emprega uma, ou ao menos meia hora, na meditação de alguma das grandes verdades de nossa religião, aplicando-te sempre a doutrina que estas nos ensinam. Lê depois um capítulo no livro da *Imitação de Cristo* e dedica uma hora a recorrer na amargura de teu coração os anos da má vida passada. Considera tuas desordens, tuas maldades, o abuso dos santos sacramentos, o desperdício de tantos auxílios; e dispõe-te para a confissão que deves fazer desde o último retiro, com tanta dor que possa reparar os defeitos das confissões particulares antecedentes. Ouve missa com a mesma disposição e comunga como se recebesses o Senhor por modo de viático. Antes de comer tem outra meditação; e entre cinco e seis da tarde a terceira. A leitura espiritual seja em algum livro escolhido, enérgico e convincente, e toma depois tuas medidas para que teus propósitos sejam

eficazes. Numa palavra, deves procurar achar-te no fim deste dia como quererias encontrar-te na hora da morte.

[^1]: O OCR traz «47 de diciembre»; a data de nascimento de São Francisco de Jerônimo é 17 de dezembro de 1642.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:03 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:03 by Admin